

**VAMOS: DESÇAMOS PARA LHEM CONFUNDIR A LINGUAGEM,  
DE SORTE QUE JÁ NÃO SE COMPREENDAM UM AO OUTRO**

**Bárbara Baldarena Morais<sup>1</sup>**

**Vanessa Maria da Silva<sup>2</sup>**

**RESUMO**

Do olhar que a identidade é um processo que se constrói ao longo da vida, e que esta é a referência pela qual se define a diferença, destacamos que por meio de atos de fala se institui a identidade e a diferença como tais. Não há como distanciar a língua falada pelos membros de uma sociedade e a identidade deste grupo social. Para exemplificar a problemática entre língua e identidade, apresentamos um recorte do filme Babel (2006), com a direção de Alejandro González Iñárritu. Na cena, uma babá (chicana) conversa com as crianças (estadounidenses) na hora de dormir e a linguagem usada por ela será vista como a de dualidade - o sujeito entre sua língua e a língua do outro em um contexto fronteiriço, México-Estados Unidos. A mistura cultural na fronteira se manifesta, pois, diferentes fatores propiciam a heterogeneidade deste grupo e, aos poucos, se distanciam do conceito de que identidade nos dá uma localização no mundo, de quem nós somos, de como nos relacionamos com os outros e com o mundo. Assim sendo, o embate entre a língua do indivíduo e a língua do outro é inevitável e o cruzamento de fronteira transforma o imigrante num ser transitório e incerto da formação da identidade social e cultural, onde passado e presente, o aqui e o lá, conflitam com o sentimento da pertença identitária característico da língua.

**Palavras-chave:** identidade, diferença, língua, fronteira México-EUA

**ABSTRACT**

On the condition that identity is a process assembled along life, and it is the reference which the difference is defined, it is emphasized that by means of speech the identity and the difference are set up. There is no possibility to dissociate the language spoken by members of a society and the identity of this social group. To demonstrate the complexity

---

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

<sup>2</sup>Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

between language and identity, we present a fragment from the movie *Babel* (2006), directed by Alejandro González Iñárritu. In the scene, the nanny (tex-mex) talks to the kids (American) at bedtime and the language she used will reveal the duality – the person between his own language and the language of the other in a border context - Mexico-United States of America. This cultural hybridism in the border manifested in different factors confirming the heterogeneity of this group and gradually separates from the concept that identity which gives us a place in the world, who we are, how we relate to others and to the world we live in. All in all, the impact between his/her language and the language of the other is inevitable and the border crossing transforms the immigrant in a transitional man/woman and undermines his social and cultural identity - past and present, here and there conflict with the belonging feeling characteristic of the language.

**Key-words:** identity, difference, language, Mexico – USA border

“Mas o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que construíam os filhos dos homens. “Eis que são um só povo”, disse ele, “e falam uma só língua: se começam assim, nada futuramente os impedirá de executarem todos os seus empreendimentos. “Vamos: desçamos para lhes confundir a linguagem, de sorte que já não se compreendam um ao outro.” (BÍBLIA, capítulo Torre de Babel)

Em um primeiro momento, parece fácil definir “identidade”. Identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou jovem”, “sou estudante”, uma característica independente e fixa, “aquilo que sou”. Dessa forma a identidade parece ser apenas uma referência limitada e auto-suficiente. Nessa linha de raciocínio sobre a definição de identidade todos os elementos que envolvem o homem e sua história são desconsiderados.

Uma vez que a noção de identidade única e indivisível é fragmentada, reconhece-se a pulverização das identidades culturais de gênero, etnia, classe, nacionalidade, padrões culturais e saberes, que devem ser levadas em consideração para o reconhecimento da identidade de um ser na construção de uma sociedade e seu papel crítico e participativo. Para Ciampa (1994) a identidade, de um lado, é consequência das relações entre membros de um grupo, e de outro, é a condição anterior para que essas relações se estabeleçam.

A identidade é compreendida não apenas no sentido da pluralidade dos personagens, mas também no que se refere ao conjunto de elementos biológicos, psicológicos e sociais que a compõe.

Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos – biológicos, psicológicos, sociais, etc. – que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há como uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação que faz parte da constituição do indivíduo representado. (CIAMPA, 1984).

A partir do olhar que identidade é um processo que se constrói ao longo da vida, resultado da interação, inserção e transformação do ser no mundo, parece incorreto afirmar que identidade se limita à idéia de homogeneidade, e sim no reconhecimento das diferenças. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. Considera-se a diferença como produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, identidade é a referência pela qual se define a diferença, aquilo que somos, como sendo a norma, e aquilo que não somos como sendo o diferente.

Além desta relação de interdependência, identidade e diferença compartilham uma importante característica: elas são produtos de atos de criação linguística. A identidade linguística, assim como a diferença, é ativamente produzida pelo uso da linguagem no contexto de relações culturais e sociais. Em *Identidade e Diferença* (2000), Tomas Tadeu Silva afirma que dizer que são o resultado de atos de *criação* significa dizer que não são "elementos" da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. Dizer, por sua vez, que identidade e diferença são o resultado de atos de criação *lingüística* significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. Isto parece uma obviedade. Mas como tendemos a tomá-las como dadas, como "fatos da vida", com frequência esquecemos que a identidade e a diferença têm que ser nomeadas. É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais.

A língua é o produto da identidade de um grupo. É vastamente reconhecido que há uma ligação natural entre a língua falada pelos membros de uma sociedade e a identidade deste grupo social. Seja pelo sotaque, vocabulário, padrões discursivos, os membros de um mesmo grupo social se identificam e são identificados como desta ou daquela comunidade e assim desenvolvem um senso de importância social e de continuidade histórica fazendo uso da mesma língua do grupo a que pertencem:

A língua constitui-se como uma das dimensões da pertença identitária e, como tal, dependente tanto do conhecimento que dela se tem, quanto do reconhecimento que dela se faz. Assim, os critérios de pertença identitária se dão ora como fatores e expressões, ora como essência e significação: um enunciado como “falo português porque sou português” pode ter dois sentidos, fundamentalmente diferentes e estruturalmente inseparáveis: “minha língua é o produto de minha pertença a um grupo” (um traço de natureza social); “escolhi falar a língua que eu falo para assegurar minha pertença ao grupo” (uma marca significativa de vontade pessoal). (MARTINS e BRITO, 2004)

Assim, construir um discurso não significa apenas uma escolha de aspectos gramaticais e léxicos, mas contextualizá-lo dentro de uma situação de comunicação entre os seus interlocutores. A língua simboliza a realidade identitária cultural e social de um grupo, de uma nação.

Escolhemos para contextualizar essa problemática entre língua e identidade, o filme *Babel* (2006), com a direção de Alejandro González Iñárritu, expõe o cotidiano de alguns personagens de localizações diversas, vivendo em um mundo em constante transformação. Esses personagens, apesar de estarem distantes, em algum momento têm suas histórias interligadas e levam a trama a um desfecho inesperado, quando será afetada a vida de todos eles.

Para aplicação de exemplos baseados no tema deste artigo, faremos um recorte da seguinte cena: a babá mexicana dos filhos de Richard (Brad Pitt) e Susan (Cate Blanchett), Amélia (Adriana Barraza) cuida dos gêmeos do casal (Mike e Debbie), na Califórnia. Os pais das crianças estão em Marrocos para uma viagem onde tentam recuperar seu casamento, que não estava bem, depois da morte do filho menor. Devido a um incidente em Marrocos, Susan é atingida por uma bala quando estava dentro do ônibus de turismo; a babá, que estava na Califórnia, é forçada a cuidar das crianças por mais tempo do que o previsto. Nesta cena, a babá conversa com as crianças na hora de dormir e a linguagem usada por ela irá demonstrar alguns conceitos a respeito da dualidade - o sujeito entre sua língua e a língua do outro em um contexto fronteiro México - Estados Unidos.

Segue a conversa entre Amélia, Mike e Debbie (10'12'' - 11'35''):

(No quarto)<sup>3</sup>

**Mike:** I don't want to go to sleep. I don't want to go to sleep.

**Amelia:** Mike, ¿ya te lavaste los dientes? A ver, bien. Buen, ¡qué sueñes con los angelitos! Que duermas bien, chiquita.

**Crianças:** Amelia! Amelia!

**Debbie:** Could you leave the lights on?

**Amelia:** Pues están durmiendo juntos, ¿no quedamos que se iban a dormir con la luz apagada?

**Debbie:** But I'm scared.

**Amelia:** No pasa nada, hijita mía.

**Debbie:** But I'm scared that what happened to Sam is going to happen to me.

**Amelia:** No, that won't happen to you.

**Debbie:** Sam died while he was sleeping.

**Amelia:** No baby, no, no. That only happens to some babies when they're really, really little. Your brother is already high in heaven, baby. I'll sit here with you. But you can't talk anymore, okay? Go to sleep.

Cabe uma contextualização geográfica e histórica, a fronteira internacional estende-se desde San Diego, na Califórnia, e Tijuana, na Baja California, a oeste, até Matamoros, em Tamaulipas, e Brownsville, no Texas, a leste. Todos os dias, milhares de pessoas se arriscam nessas terras em busca de melhorias, tanto de cunho social quanto econômico, e assim essa imigração incontrolável (do México para os Estados Unidos) provoca brigas, prisões e até mesmo mortes para que se consiga essas aspirações.

O fluxo de chicanos (mexicanos que vivem nos Estados Unidos) para os EUA aumentou extraordinariamente desde a eclosão da Segunda Guerra Mundial. O aumento de

---

<sup>3</sup> Mike: Eu não quero ir dormir./Amelia: Mike, já escovou os dentes? Deixa ver? Bom, sonhe com os anjinhos. Dorme bem, pequena./ Debbie: Você poderia deixar as luzes acesas?/ Amelia: Mas estão dormindo juntos, não combinamos que iam dormir com a luz apagada?/ Debbie: Mas eu estou com medo./ Amelia: Mas não acontece nada, minha filha./ Debbie: Mas eu estou com medo do que aconteceu com o Sam acontecer comigo./ Amelia: Não, isso não vai acontecer com você./ Debbie: Sam morreu enquanto estava dormindo./ Amelia: Não querida. Isso só acontece com alguns bebês quando são bem, bem pequenos. Seu irmão já está no céu. Vou sentar aqui com você, mas vocês não podem mais falar, certo? Vão dormir. (Tradução nossa)

indústrias de aviação e bélica possibilitou milhares de oportunidades para pessoas simples do outro lado da fronteira. As enormes plantações e os empregos indiretos ligados às indústrias fizeram com que a mão-de-obra mexicana fosse aceita. Outro fator que desencadeou essa imigração foi às questões relacionadas ao petróleo, no Texas, quando milhares de pessoas foram contratadas pelas companhias exploradoras.

A partir desses fatores, cresce, negativamente, a estereotipagem do povo chicano e o racismo devido à cor da pele, ao idioma e a cultura, desmerecem a imagem do imigrante que busca condições melhores de vida. Cresce assim, a insegurança, o medo e a incerteza de viver em uma sociedade a qual se enfrenta diariamente a violência, a perseguição e a exclusão.

Em meio a esse turbulento cotidiano, o pesquisador mexicano Valenzuela (1998, apud ORTIZ, 2009) expõe três processos referentes à identidade migratória deste povo: 1) socialização, institucionalização e re-socialização; 2) ação social; 3) construção simbólica.

O primeiro processo está ligado à preservação da vida destes chicanos no que se refere a sua inserção na sociedade norte-americana e a preservação de suas tradições: valores familiares, grupos de trabalho, condições e localização de onde vivem. A transformação que passa a família desses povos consiste principalmente na língua e na cultura. Há o domínio de línguas diferentes entre pais e filhos, aumentando o distanciamento entre eles e o conflito na comunicação.

O segundo processo, que é nosso objetivo de estudo, faz alusão à ação social e comunicativa. Se a língua é o vínculo identitário e cultural, como já mencionado, que tipo de linguagem se usa na fronteira? Qual a representação discursiva do imigrante perante o outro?

E por fim, o terceiro processo que Valenzuela faz alusão é o uso simbólico para a constituição da imagem da identidade tanto individual quanto a do povo. Um exemplo utilizado pelo autor é a imagem da Virgem de Guadalupe que representa a mãe, a indígena, a mestiça, a comunidade como um todo. Para um reforço da identidade, os mitos fundadores e as representações marcam o essencialismo cultural e reforça a memória constitutiva do povo chicano no que eles realmente são.

O hibridismo cultural na fronteira se manifesta, pois, em diferentes fatores propiciando a heterogeneidade deste grupo. No que diz respeito à língua, Ortiz (2009) ressalta que:

(...) a cultura chicana corresponde a uma cultura de performance, onde o discurso e a ação constroem um projeto cultural e social diferente do imperante, para o qual primeiro se desconstruem como sociedade, retomando de sua origem aquilo que os identifica como coletivo para depois se constituírem identitariamente como chicanos através das práticas discursivas.

Essa prática discursiva, como demonstra nosso corpus, é um elemento ímpar nas comunidades fronteiriças e faz com que a anulação da cultura e da identidade cresça nessas áreas. Ramos (2009, p.132) explica que “o processo imigratório e o paulatino desprendimento da cultura de origem são situações extremamente complicadas no plano afetivo e social que requerem do sujeito uma nova retórica para legitimar, perante a si mesmo e aos demais, a necessidade do distanciamento sociocultural” e assim há uma aculturação, onde os indivíduos se transformam em sujeitos transfronteiriços que atuam entre ambos os países.

Em contrapartida a essa visão negativa da fronteira, Bhabha (apud RAMOS, 2009) ressalta que o conceito de diferença cultural rompe com o conceito das culturas como códigos integrados, em vista a um desenvolvimento contínuo e em expansão, não lineal, que se transforma em relação às mudanças nas condições de vida. Afirma o mesmo autor que “abrir o caminho a um conceito de cultura internacional não no exótico ou no multiculturalismo da diversidade cultural, mas sim na inserção e articulação da hibridez cultural”.

À medida que o conceito de hibridização cultural vem se difundindo, ressurgem uma forte tendência para focalizar a atenção na cultura exclusivamente como um marcador de grupos. Na "política de identidade", o termo tem se tornado um fundamento para a formação e a mobilização de grupos, geralmente implicando à pertença identitária. Ou, por outro lado, se transforma num instrumento de exclusão social por parte das maiorias dominantes. Pode ser que haja uma preocupação com a autonomia da cultura e a defesa da herança cultural por si mesma, embora com frequência essa retórica da cultura esteja estreitamente associada tanto ao poder quanto aos recursos materiais.

Kathryn Woodward (2002) destaca que a extensão dessa diferença sócio-cultural pode significar uma crise de identidade, em que antigas certezas deixam de existir e a mudança social, política e econômica, seja global ou local, tem que lidar com a ruptura da pertença de um determinado grupo social. As comunidades fronteiriças aos poucos se distanciam do conceito de que identidade nos dá uma localização no mundo, de quem nós

somos, de como nos relacionamos com os outros e com o mundo. Assim, a identidade migratória desse povo pode ser marcada pela polarização nas formas mais extremas de conflito entre nacionalidade ou etnia, pela inclusão ou exclusão, obedecendo a um sistema classificatório entre “nós” e “eles”.

"É uma sensação peculiar, essa dupla consciência, esse sentimento de estarmos sempre olhando para nós mesmos com os olhos dos outros, de medirmos nossa alma pelo padrão de um mundo que nos observa com piedade e sorridente desprezo." (W. E. B. DuBois, 1961)

Essa relação fronteiriça Estados Unidos/México marca a condição ambígua da língua e identidade, e dividido entre esses dois pólos de atração o chicano se vê diante do conflito de entrar no compasso de sua nova pertença, ajustando-se aos padrões e desenvolvimento da língua. Não deixa de ser curiosa essa posição quando sobrepomos à atitude correlata da migração: ao ir aos Estados Unidos o mexicano sente a ausência da pátria e tudo que a cerca; se está em seu país sente a ausência do mundo.

O corpus deste artigo retrata a situação de viver e pensar entre línguas que é discutida por Walter Mignolo (2003) no livro *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Para o autor o mundo globalizado em que vivemos é incompatível com as velhas ideologias nacionalistas que associam língua, literatura, cultura ao território. Na obra, Mignolo apresenta argumentos que questionam a naturalidade com a qual aceitamos a ideia de que determinadas teorias produzidas em determinados lugares, como é o caso da língua inglesa nos Estados Unidos, são superiores, e possuem um valor universal incontestável. Já outras teorias produzidas a partir de línguas e histórias locais subalternizadas, como é o caso da língua espanhola no México, são olhadas com desconfiança em relação a uma pretensa validade universal.

Portanto, o embate entre sua língua e a língua do outro é inevitável ao considerarmos que o imigrante possui idioma, religião e condições sócio-culturais próprias de sua nação e responsáveis pela formação de sua identidade. O cruzamento de fronteira transforma-o num ser transitório e incerto da formação da identidade social e cultural, onde passado e presente, o aqui e o lá, conflitam com o sentimento da pertença identitária característico da língua.

“Somos personagens de uma história que nós mesmos criamos, fazendo-nos autores e personagens ao mesmo tempo”. (CIAMPA, 1987)

## Considerações Finais

Podemos considerar o vínculo identitário e cultural nas fronteiras e a representação discursiva do imigrante perante o outro são encontros inevitáveis. O cruzamento de fronteiras reforça a transformação que o imigrante atravessa na formação de sua identidade social e cultural, especialmente pela situação de viver e pensar entre línguas.

Deste modo, à medida que o conceito de identidade partilhada vem se difundindo, ressurge uma forte tendência para evitar a atenção na cultura exclusivamente como um marcador de grupos, ou seja, as comunidades fronteiriças aos poucos se distanciam do conceito de que identidade nos dá uma localização no mundo, de quem nós somos, de como nos relacionamos com os outros e com o mundo.

## Referências Bibliográficas

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Fronteiras Múltiplas, Identidades Plurais*. São Paulo. Senac, 2002.

CIAMPA, A.C. *Identidade*. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DUBOIS, W. E. Burghardt. *The Souls of Black Folk*. Greenwich: Fawcett. 1961[1903].

GRANT, N.D.C. *Some problems of identity and education: a comparative examination of multicultural education*. *Comparative Education*, v.33, n.1, 1997.

HALL, S. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 1997.

MARTINS, M. L. e Brito, R.H.P. *Considerações em torno da relação entre língua e pertença identitária em contexto lusófono*. 2004. Em <http://hdl.handle.net/1822/1679>

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

RAMOS, María Elena. *Migración e Identidad*. Nuevo León, Fondo Editorial de Nuevo León, 2009.

VALENZUELA, José Manuel. *El color de las sombras. Chicanos, identidad y racismo*. México: El Colegio de la Frontera Norte / Plaza y Valdés / Universidad Iberoamericana, 1998.

WOODWARD, Kathryn. *Identity and Difference*. United Kingdom, Sage. v.03, 2002.

**Webgrafia**

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Babel\\_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Babel_(filme)) Acesso em 15 de outubro de 2010.

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/seculo/2006/10/05/000.htm> Acesso em 15 de outubro de 2010.

<http://www.duplipensar.net/artigos/2007s1/resenha-do-filme-babel-de-alejandro-gonzalez-inarritu.html> Acesso em 15 de outubro de 2010.

<http://roxanarodriguezortiz.wordpress.com/2009/10/09/la-comunidad-chicana-construccion-simbolica-de-su-identidad/> Acesso em 6 de novembro de 2010.